

A CONSTRUÇÃO DO PERFIL FEMININO DAS PERSONAGENS LUCÍOLA E AURÉLIA

Alessandra de Jesus¹

Emily Maria do Nascimento²

Luiz Rogério Camargo³

RESUMO

Nesta pesquisa buscamos investigar a construção do perfil feminino das personagens Lucíola e Aurélia nas obras de José de Alencar, tendo como objetivo principal compreender as características que demarcam os perfis femininos destacados, além de identificar os traços da mulher romântica e analisar o comportamento das personagens Lúcia e Aurélia. Trata-se de personagens que representam uma visão aparentemente de mulheres sensíveis, porém que provam por diversas razões estarem à frente do seu tempo, travando uma luta contra a sociedade do século XIX. Portanto, serão levados em consideração a proximidade dos perfis, na obra a mulher que vive um conflito íntimo entre a prostituição (carnal) e a purificação (alma) e, no outro viés, Aurélia Camargo que está entre o amor e a vingança, ambas na busca do amor ideal. Pesquisaremos como o autor retrata os dois perfis, concepções morais e sociais da época. Para tanto, a metodologia utilizada será a de revisão bibliográfica de críticos que estudaram o comportamento e a construção das personagens femininas nas obras literárias. Por meio da pesquisa, pretende-se analisar as características românticas e a quebra de estereótipos femininos embasados no estilo “alencariano”.

Palavras-chave: José de Alencar. Perfil Feminino. Lucíola. Aurélia.

¹ Aluna do 7º período do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: alessajess@gmail.com

² Aluna do 7º período do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: emy-123@hotmail.com

³ Orientador da pesquisa. Doutor em Estudos Literários. Professor adjunto na FAE Centro Universitário – Curso de Letras Português e Inglês. *E-mail*: luiz.camargo@fae.ed

INTRODUÇÃO

No dia 1º de maio de 1829, nascia José Martiniano de Alencar, em Messejana, no Ceará. Filho de Ana Josefina de Alencar e de José Martiniano de Alencar, o autor faleceu em 1877. Apesar de sua breve vida José de Alencar atuou como advogado, jornalista, político, orador, romancista e teatrólogo.

Em suas obras, escreveu com maestria, tendo sido o criador de grandes heroínas, a exemplo de *Iracema* (1865), obra na qual Alencar mostra a bela índia, de mesmo nome, retratada como uma guerreira, destemida e forte, descrita pelas célebres palavras do narrador como “a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira” (ALENCAR, 1994, p. 10), da qual a virgindade relaciona-se ao “segredo da Jurema” (ALENCAR, 1994, p. 14).

Entretanto, além de *Iracema*, talvez a mais famosa, existem outras, como *Lucíola* e *Aurélia*. Em *Lucíola* (1862), o autor narra a história de uma prostituta, independente, dona de si e de suas vontades, que vivia no luxo sem se preocupar com a sociedade patriarcal representada nas palavras do narrador: “a imagem verdadeira da mulher que no abismo da perdição conserva a pureza da alma” (ALENCAR, 1995, p. 59).

Em *Senhora* (1875), Alencar nos apresenta Aurélia Camargo, a “nova estrela que raiou no céu fluminense” (ALENCAR, 2005, p. 15), uma mulher que nos permite conhecer os costumes, valores e comportamentos sociais do século XIX. Além disso, Alencar ressalta o drama íntimo de Aurélia, dividida entre o orgulho ferido por ser trocada por outra moça rica e o amor que ainda sente por Fernando Seixas.

Em relação ao traço comum estereotipado das personagens *Lucíola* e *Aurélia* Camargo, por um lado, pode-se dizer que são mulheres com perfis aparentemente frágeis: a menina expulsa de casa pela família e a mocinha apaixonada e rejeitada por seu amado, respectivamente. Por outro lado, essas mulheres são fortes e muito decididas. *Lucíola*, ao ser expulsa de casa por ter se deitado com um homem em troca de dinheiro, revela-se sedutora e, desse modo, consegue garantir a própria sobrevivência; *Aurélia*, com o seu dinheiro, consegue resgatar o orgulho ferido e o homem que ama.

Desse modo, segundo Coutinho, podemos afirmar que

essa luta é feita de sofrimentos e provações, servindo-lhes de contraponto a permanente ideia de que a união de duas almas, pelo amor, poderá ser conseguida na morte, caso os conflitos não se resolvam romanticamente, como ocorre quase sempre (COUTINHO, 2004, p. 302).

Sendo assim, a morte tem o papel fundamental de solucionar o amor impossível na terra, havendo nas personagens Iracema e Lúcia plena consciência e aceitação da fatalidade que lhes ocorre por força do destino e em nome do amor.

Tendo isso em vista, o objetivo geral deste trabalho consiste em analisar a construção do feminino das personagens Lucíola e Aurélia. Para isso alguns objetivos específicos são necessários, sendo eles: compreender de que maneira as protagonistas Lúcia e Aurélia são construídas, segundo o padrão da literatura romântica brasileira; perceber que características fazem das personagens mulheres à frente do seu tempo; problematizar o desfecho aos moldes românticos segundo o qual o amor é uma via de remissão para as protagonistas.

1 A CONSTRUÇÃO DO PERFIL FEMININO DAS PERSONAGENS

1.1 LUCÍOLA

Na obra de José de Alencar, *Lucíola* é um romance narrado em primeira pessoa. O narrador nos apresenta, por meio da subjetividade, os conceitos morais da sociedade do século XIX. O primeiro indício que demarcamos no romance em relação ao comportamento social e moral da época é quando Paulo vê Lúcia numa festa pela primeira vez e pergunta a Sá “— Quem é essa senhora? A resposta foi o sorriso inexprimível, mistura de sarcasmo, de bonomia e fatuidade [...] — Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita! Queres conhecê-la?...” (ALENCAR, 1995, p. 20). Paulo, no seu íntimo, revela-nos o seguinte: “Compreendi e corei de minha simplicidade provinciana, que confundira a máscara hipócrita do vício com o modesto recato da inocência” (ALENCAR, 1995, p. 20). Assim, Alencar, através de Paulo, mostra os preconceitos, os vícios da sociedade e sua visão crítica em relação a Lucíola.

A personagem Lúcia é apresentada inicialmente como uma mulher independente, forte e decidida, também como uma prostituta de luxo. Ela deixa sua sensualidade fluir sem preocupar-se com a sociedade. Participa de festas noturnas cheias de orgias, dança eroticamente mostrando toda a sua sensualidade, a exemplo do que se lê no trecho:

Lúcia ergueu a cabeça com orgulho satânico, e levantando-se de um salto, agarrou uma garrafa de champanha, quase cheia. Quando a pousou sobre a mesa, todo o vinho tinha-lhe passado pelos lábios, onde a espuma fervilhava ainda. [...] Lúcia saltava sobre a mesa. Arrancando uma palma de um dos jarros de flores, traçou-a nos cabelos, coroando-se de verbena, como as

virgens gregas. Depois agitando as longas tranças negras, que se enroscaram quais serpes vivas, retraiu os rins num requebro sensual, arqueou os braços e começou a imitar uma a uma as lascivas pinturas (ALENCAR, 1995, p. 46).

Consideremos a metáfora que Alencar usa em relação ao nome de Lúcia “-Como se trata de nomes, eu também proponho uma mudança, bocejou o Rochinha. Em lugar de Lúcia – diga-se Lúcifer” (ALENCAR, 1995, p. 41). Como se nota, é indiscutível a semelhança entre os dois nomes: Lúcia e Lúcifer. Tal relação atribui traços da personalidade da protagonista. Lúcia seduz o homem, afasta-o da graça divina e o domina como Lúcifer faria, pois, a personagem tem atitudes que podem ser comparadas ora como mulher demoníaca, ora como mulher anjo. No trecho abaixo revela uma Lúcia que demonstra uma atitude mais pura e casta:

Uma ocasião, sentados no sofá, como estávamos à gola de seu roupão azul abriu-se com um movimento involuntário, deixando ver o contorno nascente de um seio branco e puro, que o meu olhar ardente devorou com ardente voluptuosidade. Acompanhando a direção desse olhar, ela enrubescceu como uma menina e fechou o roupão; mas doce e brandamente, sem nenhuma afetação pretenciosa (ALENCAR, 1995, p. 20).

Logo, podemos afirmar que a figura de Lúcia para aquela época, é idealizada por Alencar, pois ocupa um lugar superior se comparado aos demais personagens, é uma mulher dona de si, com uma beleza admirável, quase que sobrenatural, que consegue por meio de sua sensualidade seduzir todos os homens que deseja. A natureza também aparece na obra já que se trata de uma obra romântica, e logicamente é poeticamente embelezada em *Lucíola*, que deixa claro esse lirismo bucólico no trecho da obra abaixo explicitado.

Sentemo-nos sobre a relva coberta de flores e à borda de um pequeno tanque natural, cujas águas límpidas espelhavam a doce serenidade do céu azul. Lúcia tirou do bolso seu crochê e o novelo de torçal, e continuou uma gravata que estava fazendo para mim. Enquanto ela trabalhava, eu arrancava as flores silvestres para enfeitar-lhe os cabelos; ou arrastava-me pela relva para beijar-lhe a ponta da botina que aparecia sob a orla do vestido (ALENCAR, 1995, p. 94).

É possível perceber, que José de Alencar se mostra criterioso e minucioso nas descrições, quando se trata do traje da personagem, suas características e cenário (natureza, salões e ambientes). A natureza em *Lucíola* sempre aparece para aliviar o leitor dos dramas e sofrimentos em que vive a protagonista na obra.

Primeiro Alencar mostra os traços da personagem o rosto, os olhos, o timbre de sua voz e seus planos, para só depois apresentar a essência e a alma dela. Ainda,

tendo como base as ideias de Proença: “tem sempre o cuidado de acentuar os traços que lhe parecem ser reveladores de defeitos ou virtudes, traços que nos conduzem ao conhecimento psicológico das personagens” (PROENÇA, 1995, p. 168).

No capítulo dois, mesmo antes do leitor ter conhecimento da personagem Lúcia, Alencar já havia apresentado a figura da protagonista. Como comprova o seguinte trecho:

Admirei-lhe do primeiro olhar um talhe esbelto e de suprema elegância. O vestido que a moldava era cinzento com orlas de veludo castanho e dava esquisito realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos, que parecem vão desfazer ao menor sopro, como os tênues vapores da alvorada. Ressumbrava na sua muda contemplação doce melancolia e não que laivos de tão ingênua castidade, que o meu olhar repousou calmo e sereno na mimosa aparição (ALENCAR, 1995, p. 4).

No fragmento seguinte, o autor nos revela o interior de Lúcia:

O rosto suave e harmonioso, o colo e as espáduas nuas, nadavam como cisnes naquele mar de leite, que ondeava sobre formas divinas. A expressão angélica de sua fisionomia naquele instante, atitude modesta e quase íntima, e a singeleza das vestes níveas e transparentes, davam-lhe frescor e viço de infância, que devia influir pensamentos calmos, senão puros (ALENCAR, 1995, p.17).

No decorrer da leitura do romance de Lucíola, identificamos outro elemento importante que são as comparações de Alencar, constantemente, voltado à personagem, como particularidades físicas, atributos morais ou estados da alma. O segundo elemento de comparação é a natureza muito valorizada pelos românticos, como pode ser comprovado neste fragmento:

Como as aves de arribação, que tornando ao ninho abandonado, trazem ainda nas asas o aroma das árvores exóticas em que pousaram nas remotas regiões, Lúcia conservava do mundo a elegância e a distinção que se tinham por assim dizer impresso e gravado na sua pessoa (ALENCAR, 1995, p.107).

São muitas as características que representam o estilo próprio de Alencar, outro aspecto que pode ser destacado são as desarmonias dentro da obra em relação à construção do perfil feminino de Lúcia. Cândido nos esclarece melhor o que significa essa desarmonia:

Outro fator dinâmico na obra de Alencar é a desarmonia, o contraste duma situação, duma pessoa ou dum sentimento normal, e tido por isso como bom, com uma situação, pessoa, ou sentimento discordante. Sob forma mais elementar, é o choque do bem e do mal. [...] Em Lucíola, a luxúria do velho Couto, e mais tarde a prática do vício, torcem a personalidade de Lúcia.

A forma refinada desse sentimento da discordância é certa preocupação com desvio do equilíbrio fisiológico ou psíquico. Relembre-se a depravação com que Lúcia se estimula e castiga ao mesmo tempo, e cujo momento culminante é a orgia promovida por Sá – orgia espetacular, com tapetes de pelúcia escarlate, quadros vivos e obscenos, flores e meia luz [...] (CÂNDIDO, 1997, p. 152).

Podemos observar que essa desarmonia em que a personagem foi construída estabelece o elemento predominante na intriga do romance de *Lucíola*. Um exemplo bem demarcado está no contraste entre Lúcia e Maria da Glória, sendo a primeira uma mulher forte, pública e rica, enquanto a outra é frágil, oculta e pobre. Essas características representam um duelo entre passado e presente da protagonista, entre a heroína romântica e a mulher à frente de seu tempo. Aquela mesma Lúcia que ficou tímida quando seu roupão se abriu e avistou o olhar ligeiro de Paulo no contorno de seu seio, foi também capaz de exibir-se nua durante uma ceia e participar de uma orgia na casa de Sá. Ela consegue ser contraditória, pois em alguns momentos é virtuosa e em outros se entrega ao vício, num momento ama e no outro odeia, segundo as palavras da própria Lúcia:

Eis a minha vida [...] deixaram-me arrastar ao mais profundo abismo da depravação; contudo, quando entrava em mim, na solidão de minha vida íntima, sentia que eu não era uma cortesã como aquelas que me cercavam. Ficaram gravados no meu coração certos germes de virtudes [...] (ALENCAR, 1995, p.17).

Na obra *Lucíola*, o pano de fundo da narrativa é a purificação de uma prostituta. E não há dúvidas que Lúcia estava à frente do seu tempo, pois ela não se limitava ao simples legado de esposa e procriadora. Percebe-se que Alencar designou outros papéis à sua protagonista, não sendo apenas uma cópia ou estereótipo do meio em que pertencia, pelo contrário deu a Lúcia a oportunidade de ser autêntica. É interessante o fato de José de Alencar usar uma prostituta como heroína romântica, já que sabemos que para o romantismo a heroína precisa ser casta, imaterial e pura.

1.2 AURÉLIA

O próprio autor, José de Alencar, classifica Aurélia Camargo como uma personagem idealizada como rainha e heroína romântica dizendo o seguinte: “de régia fronte coroadada do diadema de cabelos castanhos e desdobravam-se pelas formosas espáduas como uma túnica de ouro” (ALENCAR, 2005, p. 6). Ainda sob o olhar do autor, “Sob as pregas do roupão de cambraia estava a ondular voluptuosamente a ninfa das chamas, a lasciva

salamandra” (ALENCAR, 2005, p. 11). Há em Aurélia quando era ainda uma menina traço de anjo de candura e pureza da alma. O nome Aurélia denota um conceito angelical e celestial, porém o autor não deixa explícito na obra, mas sugere-nos a ideia, de que a personagem carrega em si um elemento demoníaco e de negatividade, que pode ser percebido nos trechos a seguir:

E o mundo é assim feito; que foi o fulgor satânico da beleza dessa mulher, a sua maior sedução. Na acerba veemência da alma revolta, pressentiam-se abismos de paixão; e entrevia-se que procelas da volúpia havia de ter o amor da virgem bacante (ALENCAR, 2005, p. 6).

Ou ainda nas palavras do autor: “sob a voz bramida, o gesto sublime, escondendo o frêmito que lembrava silvo de serpente” (ALENCAR, 2005, p. 135) e continua “o braço mimoso e torneado faz um movimento hirto para vibrar o supremo desprezo” (ALENCAR, 2005, p. 163).

Na obra *Senhora*, a personagem Aurélia Camargo é vista como transgressora da tradição burguesa do século XIX, em meio a uma sociedade que comercializava os sentimentos e principalmente na qual a mulher estruturava sua identidade em torno dos interesses masculinos, ou seja, nasciam para obedecer ao pai e depois de casada, obedecer ao marido. No entanto, esse papel de obediência é característica de uma típica moça em busca do casamento, algo que não cabia a Aurélia.

Com base no perfil da personagem Aurélia, tudo se volta em torná-la ou vê-la como uma mulher ideal, anjo, admirável, intocável por sua perfeição, que se encaixa a estética romântica. Aurélia era vista como a rainha dos salões no seu tempo, linda, deusa dos bailes e rica.

Ao mesmo tempo essa personagem é ambígua, pois vive um drama íntimo durante determinado tempo de sua vida, caracterizando o seu destino, mas que ao final se resolve dando lugar a felicidade. O que nos permite perceber algumas coordenadas e características românticas.

De modo geral, o romantismo exalta o eu, a individualidade e a personalidade. Para tanto, o mundo externo será compreendido por meio da subjetividade dos personagens. Em relação ao romance *Senhora* a subjetividade e o “eu” faz parte absoluta da protagonista Aurélia, ela é dominada por seus caprichos, irritações e sarcasmo.

Entretanto, a frieza é predominante na personalidade de Aurélia, principalmente diante de situações que contribuem na busca por seus ideais de amor. Como mostra o trecho seguinte:

– Tomei a liberdade de incomodá-lo, meu tio, para falar-lhe de objeto muito importante para mim.

- Ah! Muito importante?...repetiu o velho batendo a cabeça.
- De meu casamento!
- Disse Aurélia com maior frieza e serenidade (ALENCAR, 2005, p.30).

Assim, surge também outra característica do romantismo na obra analisada que é a ânsia de liberdade. Desse modo, é fundamental destacar o trecho da obra que nos mostra a aspiração de Fernando Seixas pela liberdade: “Ele deveria sair daquele teto, perder de vista a casa, ir bem longe daí gozar dos momentos de solidão e recuperar durante uma hora de sua liberdade” (ALENCAR, 2005, p. 159).

No romantismo a norma não é razão, mas sim a emoção, o sentimento puro e o amor como um ideal de vida das heroínas românticas. Sendo assim, estão numa busca constante na concretização da liberdade e da felicidade em nome do amor idealizado:

Dentro da boa tradição romântica, as heroínas de Alencar protestam contra o casamento por conveniência, fruto de uma sociedade autoritária, incompreensiva, da qual era necessário fugir, evadir-se em busca do mundo íntimo que cada romântico deve levar em si. Esse protesto, embora revestindo muita vez feitiço diferente, é sempre talhado sob a inspiração do amor ideal, e vale como proclamação dos direitos que tem a mulher ao amor e à liberdade (COUTINHO, 2003, p. 262).

Aurélia procurou essa liberdade até mesmo nos seus momentos de caprichos:

Quando Aurélia deliberava o casamento que veio a realizar, não se inspirou em um cálculo de vingança. Sua ideia, a que afezava e lhe sorria, era patentear a Seixas a imensidade da paixão que ele não soubera compreender, sacrificando sua liberdade e todas as esperanças para unir-se a um homem a quem não amava e nem podia amar, desnudava a seus olhos o ermo sáfaro em que lhe ficara a alma, depois da perda desse amor, que era toda a sua existência (ALENCAR, 2005, p. 191).

Aurélia é desde o início apresentada como a mulher ideal, são traços permanentes na obra da idealização da beleza, do desejo, do amor, do ambiente, do casamento e das emoções vividas pela personagem. O que fica evidente em primeira pessoa, Aurélia por si mesma, acrescenta e exalta suas boas qualidades:

Já vejo que a senhora não é nada lisonjeira. Está desmerecendo meus dotes, acudiu a menina sublinhando a última palavra com um fino sorriso de ironia. Então não sabe, D. Firmina, que eu tenho um estilo de ouro, o mais sublime de todos os estilos, a cuja eloquência arrebatadora não se resiste? As que falam como uma novela, em vil prosa, são moças românticas e pálidas que se andam evaporando em suspiros; eu falo como um poema: sou a poesia que brilha e deslumbra (ALENCAR, 2005, p. 17).

Fernando Seixas, num outro trecho da obra, aparece enaltecendo para sua irmã a beleza de Aurélia:

[...] vocês mulheres têm isso de comum com as flores, que umas são flores da sombra e abrem com a noite, e outras são filhas da luz e carecem de sol. Aurélia é como estas; nasceu para a riqueza. Eu bem o pressenti! Quando admirava a sua formosura naquela salinha térrea de Santa Teresa, parecia-me que ela vivia ali exilada. Faltava o diadema, o trono, as galas, a multidão submissa, mas a rainha ali estava em todo o seu esplendor. Deus a destinara à opulência (ALENCAR, 2005, p. 63).

Para tanto, a personagem é construída como sendo uma mulher bela e honrada, mas oscilante entre sua passividade e sua determinação: “Talvez que então eu consiga ser a mulher que lhe convinha, uma de tantas que o mundo festeja e admira” (ALENCAR, 2005, p. 149). Porém, entrava em contradição nas suas atitudes e ações, impondo seus desejos e anseios para satisfazer o seu ego. Logo, temos uma Aurélia que oscila quase que o tempo todo dentro da narrativa, ora desafiando a sociedade patriarcal, ora obedecendo às regras e padrões exigidos. A protagonista perdeu sua mãe, ainda na juventude, mas apesar disso tinha uma “mãe de encomenda” e só saía acompanhada por ela às ruas, o que José de Alencar nos sugere:

Aurélia era órfã; e tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade. Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina (ALENCAR, 2005, p.11).

Podemos analisar que no período descrito pelo autor na obra *Senhora*, a mulher não tinha ainda o direito a emancipação feminina e Aurélia desafiava em determinadas situações os modos e costumes da sociedade do século XIX.

Contudo, apesar de toda aparente rebeldia de Aurélia, ela tinha absoluta consciência dos deveres da mulher ideal para essa sociedade vigente, como é possível observar no seguinte trecho da obra:

O recato é o mais puro véu de uma senhora. Feliz aquela que vive à sombra do zelo materno, e só a deixa pelo doce abrigo do amor santificado. Sua virtude tem como esta flor a tez imaculada, e o perfume vivo. Essa ventura não me tocou: achei-me só no mundo sem amparo, sem guia, sem conselho, obrigada a abrir o caminho da vida, através de um mundo desconhecido. Desde muito cedo vi-me exposta às suspeitas, às vis paixões; habituei-me para lutar com essa sociedade, que me aterra, a envolver-me na minha altivez, desde que não tinha para guardar-me o desvelo de uma mãe ou um esposo (ALENCAR, 2005, p. 221).

Nesse contexto, fica evidente o destaque que Alencar destina à mulher, mostrando suas qualidades femininas para seduzir e conquistar o homem que ama. Aurélia teve a chance de escolha, tanto ao casamento, quanto ao marido, imposto pela sociedade burguesa da época. Nota-se: “[...] Perdão, meu tio, não entendo sua linguagem figurada. Digo-lhe que escolhi o homem com quem me hei de casar” (ALENCAR, 2005, p. 25). Novamente podemos perceber nesse trecho que a protagonista confirma seus anseios por emancipação, se colocando numa postura contrária à mulher da época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos por meio das obras de *Lucíola* e *Senhora* escritas por José de Alencar, elaborar uma análise da construção das personagens femininas dentro de cada narrativa. Ambos são romances urbanos, sendo *Lucíola*, um romance considerado de emancipação da mulher e *Senhora* um romance de costumes que retratam a sociedade patriarcal do século XIX, compreendeu-se ser de suma importância descrever os hábitos e costumes do período em que vivia o autor, suas obras tinham como tema principal o perfil feminino.

Logo, percebemos que nas obras literárias de Alencar, a educação e a família eram a referência e base na ordem e na moral, sendo de certo modo eficaz como modelo para a sociedade ideal.

No que diz respeito às obras da época, apesar do romantismo estar presente constantemente, ambas utilizam do tema como forma de desmistificar esse padrão, pois como vimos no que se refere as personagens, apesar de em circunstâncias diferentes, o autor nos mostra que embora elas sejam distintas em suas características, ambas carregam o amor em sua essência e não só amor romântico, mas em primeira estância, o amor por si mesmas, o que faz com que o leitor ao decorrer da narrativa tome para si as dores e representações das obras, fazendo com que no final, esteja afeiçoado aos personagens e às situações em que se encontram.

Observamos que ambas as obras foram algo novo para a época, pois em sua maioria retratavam as mulheres como seres frágeis e de fácil domínio, mulheres dóceis que tinham suas vozes por vezes abafadas e seus gostos não eram ouvidos, Alencar, com essas duas obras, nos faz repensar o papel da mulher na sociedade da época ao retratar duas personagens de força e determinação únicas, ele nos faz refletir sobre as contradições em que a mulher era colocada no século XIX.

Outro aspecto observado é como o fator econômico foi de suma importância para que houvesse a construção de ambas as personagens e de como era avaliada a sua participação na sociedade da época. No caso de *Lucíola*, a personagem por conta da doença e da pobreza foi forçada a seguir uma vida de prostituição, apesar de condenada pela família e pelos cidadãos de bem da época, nota-se também que apesar da sociedade enxergar na profissão de prostituta algo de herege e indigno, ao mesmo tempo, entre os membros da burguesia e dos mais altos escalões eram promovidas festas que enalteciam essa tão afamada profissão. Já o aspecto econômico foi crucial para o enredo de *Senhora*, pois a mesma era uma personagem pobre e órfã que em sua juventude sonhava com o homem que queria e que só conseguiu realizar esse sonho no momento em que alcançou a riqueza através de uma herança, ela enfim conseguiu reivindicar para si o homem que de fato amava.

Por fim, denota-se que ao final de ambas as obras o autor, apesar de nos apresentar duas grandes personagens que foram cruciais para que as tramas fossem concluídas, retoma a fase romancista no ponto em que as histórias encerram e voltam-se para o amor, onde se estabelece novamente a estrutura tradicionalmente patriarcal após ambas mostrarem sua força e ao mesmo tempo sua familiaridade, o desfecho as faz serem subjugadas e submissas aos personagens masculinos, que no final das contas era o desfecho esperado para as obras romancistas da época.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Iracema**. São Paulo: Scipione, 1994.

ALENCAR, José de. **Lucíola**. São Paulo: Moderna, 1995.

ALENCAR, José de. **Senhora, perfil de mulher**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**: (através de textos comentados). São Paulo: Ática, 1995.